

Análise preliminar de um manuscrito de D. Pedro II: a tradução de uma fábula do francês para o português

Noêmia Guimarães Soares¹

Sergio Romanelli²

Introdução

SEGUINDO AS PESQUISAS empreendidas pelo NUPROC-UFSC³ iniciadas em 2010 sobre os manuscritos de tradução do antigo imperador D. Pedro II, propomos neste artigo, conforme o título já anuncia, uma análise preliminar de um de seus manuscritos: a tradução de uma fábula de Charles Naudin do francês para o português. Como base para este estudo, combina-se a análise genética do manuscrito em questão⁴ a uma perspectiva de análise sociológica da tradução⁵.

¹ Noêmia Guimarães Soares é professora de francês da UFSC no Departamento de Língua e Literatura Estrangeiras. Tem mestrado e doutorado na área de Linguística (UFSC) e realizou estudos pós-doutorais no ITEM/CNRS (Paris) e na PUC- Rio. Na área da Crítica Genética, consagra-se atualmente a pesquisas sobre os manuscritos de tradução do antigo imperador D. Pedro II. É pesquisadora do NUPROC/UFSC (Núcleo de Estudos do Processo Criativo) e integra a equipe *Multilinguisme, traduction, création* do ITEM/CNRS como correspondente estrangeira. E-mail : noemiasoares8@gmail.com

² Sergio Romanelli é professor de língua italiana, linguística, crítica genética e estudos da tradução no Departamento de Língua e Literatura Estrangeiras da UFSC e pesquisador do CNPq. Tem diploma de graduação em literatura e filosofia pela Universidade de Milão, doutorado em linguística aplicada pela Universidade da Bahia e realizou pós-doutorado em Antropologia da Tradução na Universidade de Antuérpia. É coordenador do NUPROC/UFSC (Núcleo de Estudos do Processo Criativo). Foi presidente da APCG e redator-chefe da revista *Manuscrita* de 2012 a 2015. É pesquisador do CNPq. E-mail: sergioroma70@gmail.com

³ Núcleo de Estudos do Processo Criativo – NUPROC-UFSC, site: www.nuproc.cce.ufsc.br

⁴ Cf. BELLEMIN-NOEL, J. Reproduzir o manuscrito, apresentar os rascunhos, estabelecer um prototexto. In *Manuscrita*. São Paulo, nº4, p.127-161, 1993; BIASI, P.M. A crítica genética. In: BERGEZ, D. et al. *Métodos críticos para a análise literária*. São Paulo: Martins Fontes, 1997, p. 1-44; Idem. *A genética dos textos*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2010; HAY, L. *A literatura dos escritores: questões de crítica genética*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007; GRÉSILLON, A. *La mise en oeuvre: itinéraires génétiques*. Paris: CNRS Éditions, 2008, entre outros.

⁵ TOURY, G. *In search of a Theory of Translation*. Tel Aviv University: The Porter Institute for Poetics and Semiotic, 1980; Idem. *Descriptive Translation Studies and Beyond*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1995; LAMBERT, J.; GORP, H. von. On describing translations. In: HERMANS, T. (Ed.). *The Manipulation of Literature*. Studies in Literary Translation. London & Sidney, Croom Helm, 1985, p. 42-53; EVEN-ZOHAR, I. The position of translated literature within the literary polysystem. *Polysystem Studies, Poetics Today*, v.11, n.1, p. 45-51, 1990; LEFEVERE, A. *Translation, Rewriting & the Manipulation of Literary Fame*.

Trata-se de uma “análise preliminar” porque, nesta etapa inicial da pesquisa, partindo da primeira transcrição do manuscrito⁶, apresentamos algumas características do texto fonte, como o conteúdo da fábula e alguns de seus aspectos formais, além de determo-nos em descrever algumas dificuldades encontradas na difícil tarefa de transcrição. Em um segundo momento, buscamos entender a situação de tradução, ou seja, as condições históricas que cercam este manuscrito. Portanto, é nosso objetivo obter o máximo de informações sobre o contexto de produção daquele e, para tanto, buscamos definir quem é o autor do texto fonte – o que acreditamos nos dar pistas sobre alguns dos possíveis motivos que levaram o imperador a escolher esse texto para traduzir –; qual a relação entre o imperador e o autor do texto fonte e, finalmente, empenhamo-nos em examinar o contexto histórico-cultural imediato do manuscrito sem perder de vista sua materialidade.

O manuscrito: a fábula e sua tradução

O material que ora analisamos foi encontrado no arquivo do Instituto Histórico Geográfico Brasileiro (IHGB) no Rio de Janeiro pela equipe do NUPROC, e foi reconhecido como um texto traduzido por D. Pedro II, já que nele se reconhece sua caligrafia. Uma cópia digitalizada do manuscrito foi, então, adquirida em 2014.

Estamos, portanto, diante de uma publicação sob forma de folheto (impresso na cidade de Antibes, Imprimerie de J. Marchand), datada de 1889, contando com 04 páginas (03 fólios) de uma fábula em francês cujo título é “Le loup philosophe” [O lobo filósofo] de autoria de Charles Naudin (assinado *Ch. Ndn.*), folheto este em que consta também a tradução interlinear manuscrita feita pelo imperador. Até agora, este é um manuscrito único da tradução do imperador deste texto, ou seja, não foram encontrados outros estágios de tradução deste mesmo texto nem uma versão impressa da tradução.

O texto fonte: “Le loup philosophe”

Uma primeiríssima pesquisa sobre essa fábula de Naudin, ainda em 2015, levou-nos a apenas uma única ocorrência na internet: um manuscrito de Naudin dessa mesma fábula em um site de leilão de manuscritos raros. Na ocasião, conseguimos baixar o documento digitalizado, mas em 2017, o site já não se encontrava mais no ar. Trata-se de uma versão manuscrita, passada a limpo, sem vestígios de

London: Routledge, 1992; Idem. *Tradução, reescrita e manipulação da fama literária*. Bauru: EDUSC, 2007 e GENTZLER, E. *Teorias contemporâneas da tradução*. São Paulo: Madras, 2009.

⁶ A transcrição do manuscrito na íntegra e sua análise genética serão divulgadas oportunamente em uma próxima publicação.

movimento de escrita ou de criação (sem rabiscos), com a mesma data do texto impresso que analisamos aqui, março de 1889, mas cuja moral é diferente do texto impresso⁷.

Um fato curioso sobre o texto fonte é que, afora este manuscrito na internet, nada foi encontrado com esse título de autoria de Naudin no maior repositório de obras publicadas na França, a Biblioteca Nacional da França (BnF), ou em qualquer outro endereço na internet.

Dito isso, apresentamos, na sequência, resumidamente o conteúdo do texto fonte. Trata-se de uma fábula cujos personagens principais são o cordeiro e o lobo. À semelhança da fábula de La Fontaine em que a moral é “A razão do mais forte é sempre a melhor”, que se refere explicitamente ao poder da ação e do discurso do mais forte, aqui o lobo filósofo, questionado pelo cordeiro, argumenta, de maneira geral, que, no mundo, não se pode ir contra a natureza carnívora de animais como ele, o tigre ou o leão, e que para tudo há um lugar, tanto para os herbívoros, como o cordeiro, quanto para os carnívoros, como o próprio lobo, isto é, tanto para os fortes quanto para os fracos. Assim o lobo filósofo prega que é preciso estar preparado para o domínio do mais forte, domínio esse que advém de sua própria natureza⁸.

A moral da fábula, explicitada ao final do texto, é “*Vae victis. – Si vis pacem para bellum*”, ou seja, “Ai dos vencidos. [Desgraça dos vencidos] – Se quer a paz, prepare-se para a guerra”. A respeito de “*vae victis*”, vale citar que essa expressão é usada “[...] para lembrar que o vencido está à mercê do vencedor; são palavras de Breno, general gaulês, ao atirar a espada ao prato da balança em que estavam os pesos falsos com que se deveria pesar o ouro do resgate dos romanos”⁹. Quanto ao provérbio latino “*Si vis pacem para bellum*”, pode-se dizer que é comumente usado como uma referência à paz armada ou à paz através da força.

Feitas essas primeiras considerações sobre o conteúdo da fábula, vale esclarecer, neste exame preliminar, que o texto em francês do manuscrito analisado apresenta-se em um folheto de quatro páginas (três fólhos), conforme já mencionado, e foi escrito em versos, totalizando 155 ao todo. Do ponto de vista formal, observamos que os versos são rimados, sendo que o esquema de rimas varia

⁷ Essa mudança da moral da fábula sugere que, oportunamente, devemos realizar um estudo comparativo entre os dois estágios da fábula de Naudin em francês, analisando melhor o manuscrito digitalizado e o texto do folheto impresso.

⁸ Em outras palavras, nessa fábula, o cordeiro, apresentado como ingênuo, pede ao lobo que deixe de ser brutal e carnívoro. O lobo, filósofo, responde que é carnívoro não por maldade ou vingança, mas por sua natureza e que, assim como o cordeiro come grama, os carnívoros comem os herbívoros, mas também, por sua vez, são presas do caçador, o qual usa suas peles, em uma verdadeira cadeia de poder. O lobo continua apregoando que o homem está no alto desta cadeia natural de poder, pois, ao contrário do que seu crédulo interlocutor imagina, também se alimenta do cordeiro, mas o engana deixando-o pensar que seus cuidados são desinteressados e bondosos. O lobo filósofo, cujas palavras constituem a maior parte da narração, é apresentado como tendo uma visão bastante realista e clarividente do seu lugar na natureza e no mundo. E que, assim como é predador, vê-se na posição de também estar preparado para ser presa, sobretudo do homem.

⁹ Cf. Tito Lívio, *Décadas*, V, 48. In: VAE Victis. In: Dicionário Priberam da Língua Portuguesa. Disponível em <https://www.priberam.pt/dlpo/Vae%20victis>. Acesso em: 15 set. 2017.

bastante: ora são cruzadas, ora, emparelhadas. O texto é escrito em alexandrinos (versos de 12 sílabas) e em versos de oito a dez sílabas.

Algumas palavras sobre a tradução

Conforme citado, o manuscrito que aqui analisamos apresenta-se no mesmo folheto em que se encontra o texto fonte. Até agora não temos conhecimento de nenhum outro estágio de criação dessa tradução. Porém há indícios de que se trate do primeiro jorro, já que temos um folheto com o texto fonte em que a tradução manuscrita se apresenta de forma interlinear. Ora, lembramos que a tradução interlinear em um manuscrito deste tipo é, muitas vezes, característica de uma primeiríssima campanha do trabalho de tradução, precedendo todos os outros estágios.

Mesmo assim, é muito provável, visto que esse rascunho é de baixíssima legibilidade, que o imperador, num estágio posterior, ou o tenha ele mesmo passado a limpo ou providenciado para que o tivessem feito a fim de que pudesse, como era seu costume, apresentá-lo ou ao autor, Naudin, ou a amigos.

Dito isso, *grosso modo*, trata-se de uma tradução interlinear que ocupa as próprias folhas de papel do folheto impresso com o texto fonte. O tradutor, em todas as quatro páginas do folheto, começa escrevendo sua tradução no interstício entre uma linha e outra do texto fonte. Mas o registro não se dá todo de forma linear, pois o tradutor acaba anotando sua tradução também nas quatro margens disponíveis do folheto. A tradução é toda escrita a lápis sobre as folhas de papel, e a caligrafia e a disposição na folha não seguem um padrão único. Essa heterogeneidade e variabilidade parecem revelar que a tradução foi abandonada e retomada algumas vezes em situações de escrita diferentes. A escritura em linha curva na margem direita do papel acompanhando a queda da margem é marca registrada dos rascunhos de Pedro II, fato que já foi observado em outros rascunhos do imperador¹⁰.

O tradutor procedeu à tradução de todos os 155 versos, aparentemente de forma linear, salvo os versos 92 e 117, que foram provavelmente esquecidos. Essa inadvertência pode ser atribuída à grande quantidade de informações escritas que se encontra nas quatro folhas, já que texto fonte e texto alvo dividem o mesmo espaço. Essa distração sugere mais uma vez que este manuscrito traz, de fato, apenas o primeiro jorro da tradução e nos faz acreditar que, pelo menos nesta campanha, o tradutor não procedeu a uma revisão geral da tradução, após o término do primeiro jorro. Se o tivesse feito, é bem provável que tivesse detectado, entre outros detalhes, a falta da tradução desses dois versos.

Embora presumivelmente o tradutor não tenha feito uma revisão geral final, vemos, no entanto, que há várias operações de correção como rabiscos, cortes e borrões. Nossa hipótese é a de que o imperador, neste manuscrito, tenha feito tais correções à medida que traduzia e que o ato da releitura

¹⁰ Ver MAFRA, A. *O processo criativo de d. Pedro II na tradução do Hitopadeça*. 2015. 449 f. Tese (Doutorado em Estudos da Tradução). Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução, Universidade Federal de Santa Catarina, Universiteit Antwerpen, Florianópolis, Antuérpia, 2015.

da tradução que gera tais correções se deu localmente no nível da tradução do verso ou de versos adjacentes.

Uma análise mais aprofundada do texto da tradução, de seus movimentos de escritura, das estratégias utilizadas em relação ao texto fonte, dos aspectos formais e de outras características constituirão a segunda parte desta pesquisa e serão o tema de outro artigo.

A transcrição da tradução e as dificuldades encontradas

Dentre os rascunhos de D. Pedro II em poder do NUPROC até hoje, pode-se dizer que esta tradução é uma das mais complexas para a transcrição, devido à grande quantidade de escritos nas entrelinhas e nas margens disputando espaço com o texto fonte impresso e também devido à baixa legibilidade da tradução, como se pode ver em um excerto do manuscrito na figura a seguir.

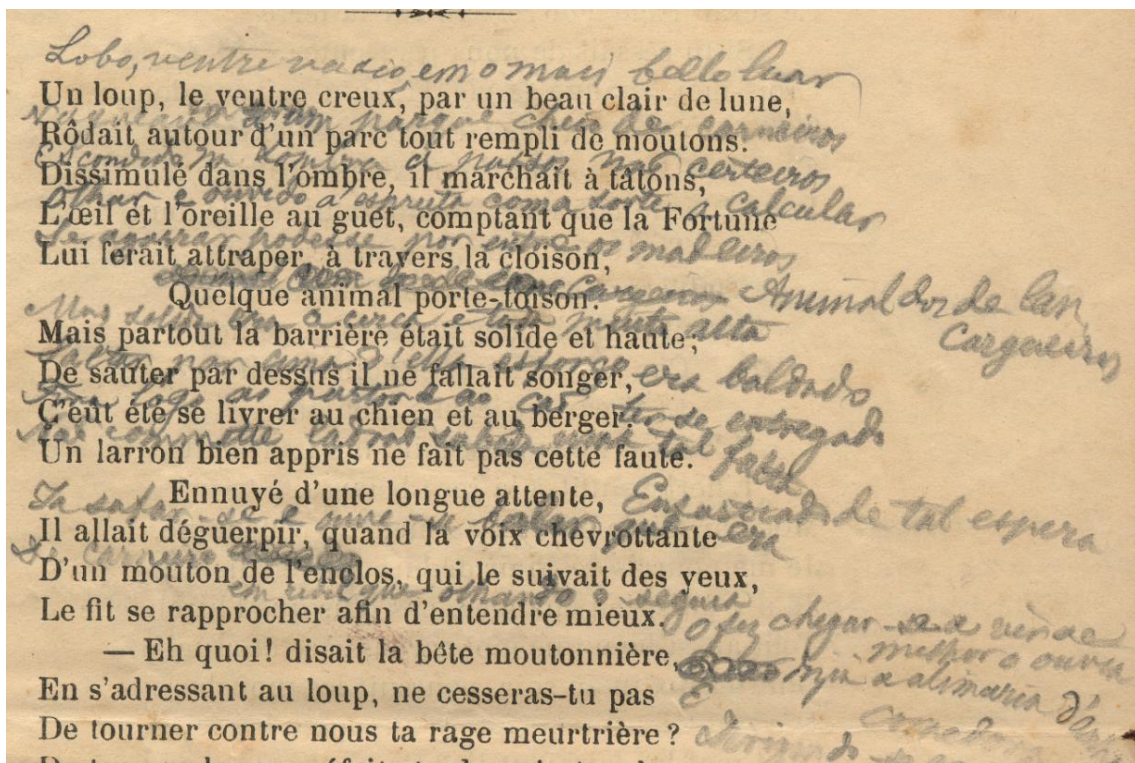


Figura 1: Excerto do manuscrito de tradução de D. Pedro II da fábula de Charles Naudin “Le loup philosophe”.

Fonte pertencente ao acervo do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, DL 445.15, fólio 1.

Observando-se mais detalhadamente, vê-se que o texto impresso foi todo traduzido a lápis, o que, com o tempo, gera vários problemas para a legibilidade e posterior transcrição do manuscrito, pois ora a tradução se encontra simplesmente apagada (pelo tempo, pela fricção com outras superfícies) (Cf. Figura 2), ora se percebe que a ponta do lápis era muito grossa, o que dificulta a distinção entre algumas letras escritas (por exemplo: *balar* ou *balir*?) (Cf. Figura 3).

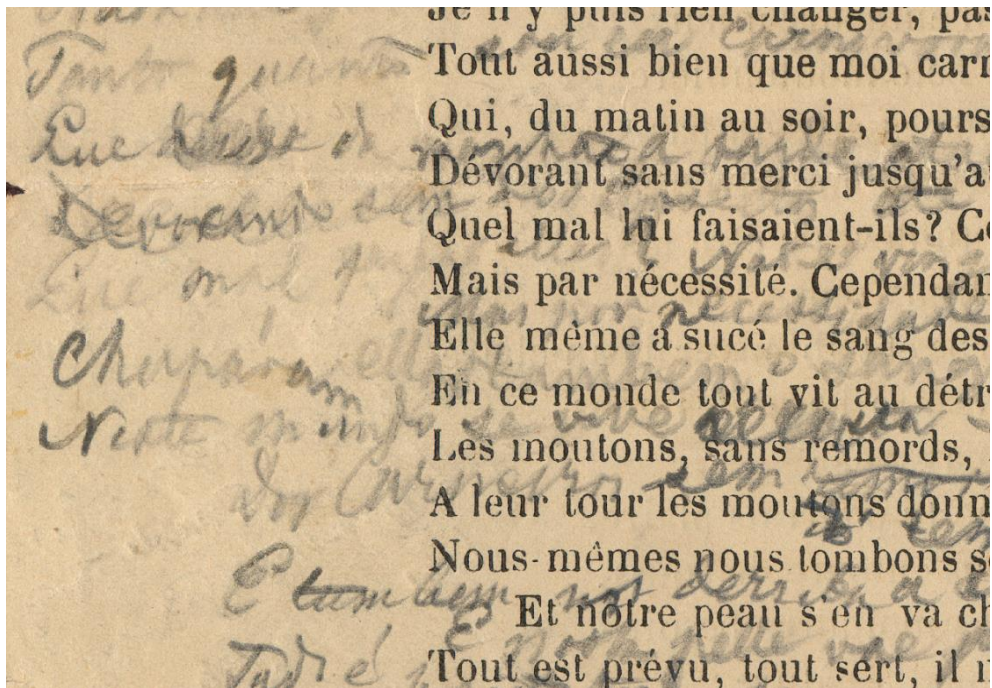


Figura 2: Excerto do manuscrito de tradução de D. Pedro II da fábula de Charles Naudin “Le loup philosophe”.

Fonte pertencente ao acervo do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, DL 445.15, fólio 02

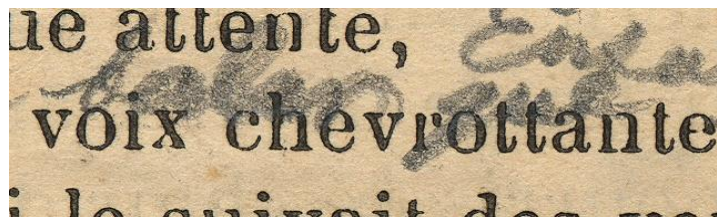


Figura 3: Excerto do manuscrito de tradução de D. Pedro II da fábula de Charles Naudin “Le loup philosophe”.

Fonte pertencente ao acervo do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, DL 445.15, fólio 01

Além da variação das letras – o R e o S, por exemplo, apresentam, no manuscrito, diferentes desenhos (Cf. Figura 4) –, temos que enfrentar a (quase) ilegibilidade de certas passagens devido à falta de espaço na folha, às autocorreções feitas pelo tradutor (cortes, acréscimos, rabiscos, etc.), a um desenho muito irregular de letras (Cf. Figura 5), o que, a nosso ver, foi ampliado possivelmente pelo fato de o registro da tradução ter sido abandonado e retomado em diferentes situações. A escrita a lápis, conforme já citado, também aumenta a dificuldade de compreensão e transcrição, por apresentar-se esmaecida devido à ação do tempo. Conforme se pode ver na Figura 6, a ponta do lápis, em algumas passagens, era tão pequena que a madeira deixou marcas de arranhado sobre o papel.

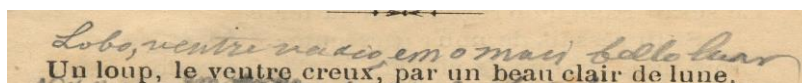


Figura 4: Excerto do manuscrito de tradução de D. Pedro II da fábula de Charles Naudin “Le loup philosophe”.

Fonte pertencente ao acervo do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, DL 445.15, fólio 01

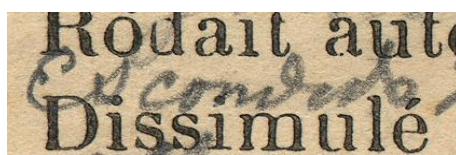


Figura 5: Excerto do manuscrito de tradução de D. Pedro II da fábula de Charles Naudin “Le loup philosophe”.

Fonte pertencente ao acervo do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, DL 445.15, fôlio 01

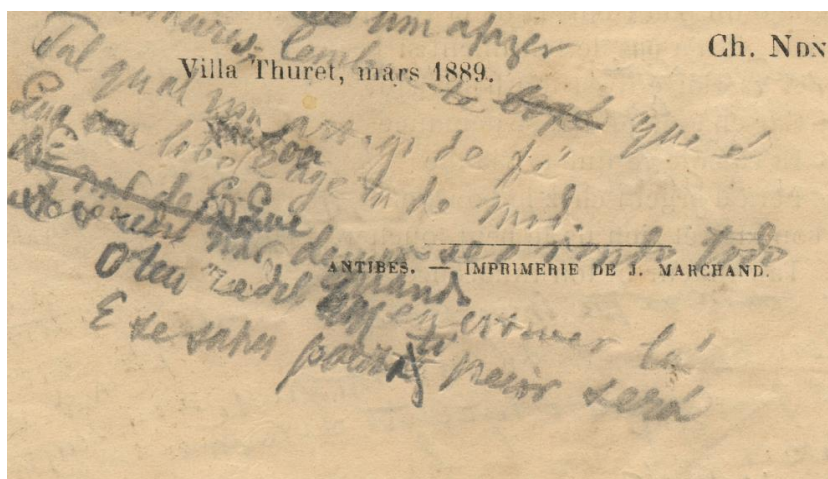


Figura 6: Excerto do manuscrito de tradução de D. Pedro II da fábula de Charles Naudin “Le loup philosophe”.

Fonte pertencente ao acervo do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, DL 445.15, fôlio 03

Outro obstáculo encontrado na transcrição é a dificuldade em se reconhecer a ortografia de algumas palavras devido à diferença existente entre a ortografia do português atual e a ortografia do português do final do século XIX. Temos, como exemplo, a diferença entre a ortografia antiga, em palavras como *lan*, *chan*, *van*, e a ortografia atual, segundo a qual temos *lã*, *chã* e *vã*. Outros exemplos podem ser apreciados no Quadro 1 abaixo, o qual, advertimos, não é exaustivo.

Ortografia do português do final do século XIX	Ortografia atual do português
Quazi	Quase
podesse	pudesse
animaes	animais
lan, chan, van	lã, chã, vã

Quadro 1: Diferença na ortografia de certas palavras entre o manuscrito de tradução de D. Pedro II da fábula de Charles Naudin “Le loup philosophe” e o português atual

Quanto à diferença entre as duas ortografias, observa-se que a ortografia do português no final do século XIX era muito mais fundamentada na etimologia do que a de hoje, mais fonética. É o

caso, por exemplo, de *bello* (do latim *bellus*) e *belo* (ortografia fonética). Vejamos mais exemplos no Quadro 2.

Ortografia do português do final do século XIX (mais etimológica)	Ortografia atual do português (mais fonética)
bello	belo
ella	ela
condemnavel	condenável
commette	comete
assignalada	assinalada
succumbe	sucumbe

Quadro 2: Diferença entre a ortografia de certas palavras no manuscrito de tradução de D. Pedro II da fábula de Charles Naudin “Le loup philosophe” e a ortografia do português atual

Ademais, quanto à dificuldade de transcrição, há que se considerar que D. Pedro II utiliza muitas palavras em sua tradução que são, hoje, palavras consideradas eruditas ou em desuso ou, então, que já eram eruditas e raras para a época, como *aprisco* ou *redil* para *curral*. Vejamos outros exemplos no Quadro 3 abaixo:

Palavras da tradução de D. Pedro	Sinônimos no PB atual
(v. 15) alimaria (alimária)	animal
(v. 14, 151) redil	curral
(v. 32) aprisco	curral
(v. 16) anho	cordeiro
(v. 21) pascendo (pascer)	pastando (pastar)
(v. 35) vigil (vígil)	que está vigilante
(v. 32) imigo	inimigo
(v. 38) velo	lã de carneiro
(v. 54) balante	que dá balidos
(v. 48) alegrão	divertimento

Quadro 3: Palavras eruditas encontradas no manuscrito de tradução de D. Pedro II da fábula de Charles Naudin “Le loup philosophe” e seus sinônimos no português atual

Quanto ao “descuido” do *scriptor*-tradutor com a legibilidade do texto da tradução neste manuscrito, supomos que seja um indício de que o imperador tenha feito o registro inicial de seu texto às pressas para acompanhar provavelmente o rápido movimento das ideias. Pode-se também levantar a hipótese de que essa característica, já revelada em trabalhos anteriores¹¹, evidencia um padrão de trabalho do tradutor, ou seja, sua forma habitual de proceder em determinadas situações específicas de tradução. Dizendo de outra maneira, supomos que o imperador pudesse proceder assim quando traduzia textos desse gênero textual, isto é, textos literários, escritos em versos, do francês, que é uma língua que ele dominava desde criança. Mas essa hipótese deve ser melhor testada em outros manuscritos de tradução do imperador. Ademais, conforme já citado, julgamos que o estado de relativa ilegibilidade deste manuscrito sugere que o imperador tivesse o intuito de, talvez, passá-lo ele mesmo a limpo ou de supervisionar essa tarefa de perto, muito provavelmente através do cotejo com o texto fonte.

O autor do texto fonte, Charles Naudin

Feita essa análise preliminar do manuscrito (texto fonte e texto alvo) e das dificuldades em transcrevê-lo, passamos a desvendar o contexto histórico-cultural e também a situação comunicativa imediata em que se insere esse manuscrito. Para tanto, uma primeira pesquisa foi empreendida a fim de elucidar as questões quanto ao autor da fábula “Le loup philosophe”, Charles Naudin.

Cabe esclarecer que, desde o início, supôs-se que o imperador o conhecesse direta ou indiretamente, já que, em se tratando das traduções de D. Pedro II, isso ocorria com bastante frequência. É que as traduções do imperador, *grosso modo*, não visavam ao mercado editorial; aliás, poucas delas foram publicadas. O que os pesquisadores do NUPROC já revelaram em inúmeras ocasiões¹² é que o imperador usava frequentemente a tradução como forma de estabelecer contato com

¹¹ Cf. SOARES, Noêmia Guimarães. Pedro de Alcântara traduzindo Victor Hugo: análise do processo tradutório do poema “Le papillon et la fleur”. In: ROMANELLI, Sergio (org.) *Compêndio de Crítica Genética América Latina*. Vinhedo: Editora Horizonte, 2015, p. 227-237 e SOARES, Noêmia Guimarães. Dom Pedro II: investigando interesses e contatos do imperador através da análise de seus manuscritos de tradução. In: SALLES, Cecília Almeida; ANASTÁCIO, Silva Maria Guerra (orgs) *A diversidade dos estudos de processo no século XXI*. Salvador: EDUFBA, 2017, p. 125-146.

¹² Cf., por exemplo, ROMANELLI, Sergio. Entre línguas e culturas: as traduções de D. Pedro II. In *Mutatis Mutandis*, Vol. 4, nº 2. pp. 191-204, 2011. Disponível em: <http://aprendeenlinea.udea.edu.co/revistas/index.php/mutatismutandis/article/viewFile/9989/9872>. Acesso em: 15 set. 2017; ROMANELLI, Sergio; SOARES, Noêmia Guimarães. Manuscritos, tradução e gênese: um resgate histórico do homem de letras Pedro de Alcântara. In: *IX Colóquio Internacional Tradição e Modernidade no mundo iberoamericano*, 2012, Rio de Janeiro. Atas IX Colóquio Internacional Tradição e Modernidade no mundo iberoamericano. Rio de Janeiro: FAPERJ, 2012. v. 01. p. 110-115; SOARES, Noêmia Guimarães; SOUZA,

interlocutores – sobretudo do círculo intelectual internacional –, os quais, aliás, ele valorizava sobremaneira e com os quais desejava se ver identificado. Observa-se, então, que a tradução era usada constantemente pelo imperador para criar oportunidades de interlocução com inúmeros intelectuais e mesmo para manter o contato com eles (ver os casos de Longfellow, Manzoni, entre outros). Assim, a provável conexão de Naudin com a figura de D. Pedro II mostrou-se como nossa hipótese inicial.

Dito isso, uma primeira busca levou-nos ao nome de Charles Victor Naudin (1815-1899), nascido em Autun e falecido em Antibes, ambas cidades francesas¹³. Para nossa surpresa, Naudin não é um autor literário e, sim, um botânico de renome em sua época, cujo trabalho foi de substancial importância para a ciência biológica do século XIX¹⁴.

Charles V. Naudin formou-se na Universidade de Montpellier em 1837, obteve seu doutorado em Biologia em 1842 e, a partir de 1846, trabalhou no Museu Nacional de História Natural da França. Naudin colaborou com Auguste de Saint-Hilaire quando este trabalhava na publicação da flora brasileira, da qual Naudin tornou-se um especialista. Em 1861, foi eleito membro da seção de botânica na Academia de Ciências de Paris e, a partir de 1878, passou a ser o diretor da Villa Thuret, em Antibes, que era um parque com uma rica coleção de espécies e um laboratório para o estudo de plantas superiores que, mais tarde, foi transformado no Jardim Botânico da cidade¹⁵. Assim, Naudin continuou a obra de Thuret e Bornet, dirigindo pesquisas relativas à hibridização e aclimação de espécies vegetais exóticas. Seus trabalhos e pesquisas contribuíram para a descoberta dos fundamentos da genética. E também foi responsável pela introdução na Europa e observação de espécies ainda raras na época, como o eucalipto e as palmeiras¹⁶.

Sua principal obra é *Dissertação sobre os híbridos do reino vegetal*¹⁷ pela qual obteve o grande prêmio de botânica do Instituto em 1862. O estudo dos fenômenos hereditários de acordo com suas concepções é conhecido sob o nome de naudinismo: as espécies devem se formar da mesma maneira que nossas variedades cultivadas. [...] Charles Naudin estabelece, ao contrário da opinião geralmente aceita, a não permanência dos híbridos. O botânico também publicou uma série de ensaios sobre as

Rosane de; ROMANELLI, Sergio (orgs.) *Dom Pedro II: um tradutor imperial*. Tubarão: Copiart; Florianópolis: PGET/UFSC, 2013 e MAFRA, Adriano. *Op. cit.*

¹³ CHARLES Victor Naudin. In: Larousse. Disponível em: <http://www.larousse.fr/encyclopedie/personnage/Naudin/134791>. Acesso em: 29 set. 2017.

¹⁴ MARZA, V. D.; CERCHEZ, N. Charles Naudin, a Pioneer of Contemporary Biology. In: *Journal d'agriculture traditionnelle et de botanique appliquée*, v. 14, n. 10-11, p. 369-401, out-nov. 1967. Disponível em: http://www.persee.fr/doc/jatba_0021-7662_1967_num_14_10_2944. Acesso em: 15 set. 2017.

¹⁵ Ibidem, s.p.

¹⁶ INRA. Historique du Jardin Thuret. Disponível em: http://www6.sophia.inra.fr/jardin_thuret/Historique. Acesso em: 29 set. 2017.

¹⁷ *Mémoire sur les hybrides du règne végétal* (esta e as demais traduções são de nossa autoria).

espécies, influências cósmicas e inúmeros artigos na *Revue Horticole*. Colaborou em vários tratados e coleções de agricultura, horticultura [...] ¹⁸

Na acirrada polêmica entre fixismo ¹⁹ e evolucionismo ²⁰ que atravessou o mundo científico ocidental no século XIX, a obra de Naudin representou uma contribuição para a quebra do fixismo, na opinião de Rossetti:

[...] Charles Victor Naudin [...] era zoólogo e após uma surdez por problemas neurológicos se tornou um naturalista assistente na França. Em 1852 fez estudos cuja conclusão era basicamente a ideia de Darwin. Posteriormente começou a ficar cego e apesar disso, continuou a executar experiências em hibridização e a aclimação de plantas para a produção de novas espécies. Ele estudou hereditariedade usando a flora brasileira e em 1860 ele descreveu vinte tipos de abóboras. Tanto Darwin quanto Gregor Mendel estudaram seu trabalho que é considerado um precursor da genética moderna. ²¹

Como podemos ver, Charles Naudin é um personagem científico importante em sua época. Nosso interesse voltou-se, então, para a atividade literária do autor.

Charles Naudin, D. Pedro II e a tradução da fábula

Uma vez colhidos esses primeiros dados biográficos sobre o autor da fábula, dentre os quais nada foi encontrado até agora sobre sua produção literária, optamos por continuar a pesquisa na BnF. Uma busca no site da instituição pelas obras de Charles Naudin revelou quase 30 títulos de trabalhos escritos, sendo que alguns são do próprio Naudin e vários são contribuições suas como escritor de prefácios e notas. Ele também é citado em uma série de obras, mas toda a sua produção escrita referenciada na BnF resume-se à área científica, mais precisamente à botânica. Nada foi encontrado no campo da criação literária.

¹⁸ CHARLES Naudin. In: Wikipédia, l'encyclopédie libre. Disponível em: https://fr.wikipedia.org/wiki/Charles_Naudin. Acesso em: 29 set 2017.

¹⁹ “Teoria que pretende explicar a origem e a diversidade das espécies, segundo a qual as espécies surgiram tal como se conhecem atualmente e que se mantiveram fixas e imutáveis ao longo dos tempos.” (Cf. FIXISMO. Infopedia. Disponível em: [https://www.infopedia.pt/\\$fixismo](https://www.infopedia.pt/$fixismo). Acesso em: 7 fev. 2018)

²⁰ “Evolucionismo é uma teoria elaborada e desenvolvida por diversos cientistas para explicar as alterações sofridas pelas diversas espécies de seres vivos ao longo do tempo, em sua relação com o meio ambiente onde elas habitam.” (Cf. Evolucionismo. Mundo Educação. Disponível em: <http://mundoeducacao.bol.uol.com.br/historiageral/evolucionismo.htm>. Acesso em: 07 fev. 2018)

²¹ ROSSETTI, V. Filósofos e naturalistas pré-Darwin. Disponível em: <https://netnature.wordpress.com/2017/03/20/filosofos-e-naturalistas-pre-darwin/> Acesso em: 15 set 2017.

Por um momento, chegamos a pensar que o autor da fábula em questão pudesse ser um homônimo do famoso botânico. Porém, seu interesse pela flora brasileira e sua ligação com Saint-Hilaire convenceram-nos de que não poderiam ser apenas coincidências. Resolvemos, então, olhar mais de perto suas obras sobre botânica para tentar encontrar mais alguma pista sobre sua presumível conexão com D. Pedro II.

Seguindo esse critério, deparamo-nos com o fato de que Naudin tem duas obras (encontradas na BnF digital) que, de alguma maneira, referem-se ao Brasil. A primeira delas é *Acréscimos à flora do Brasil meridional, descrição de gêneros novos e retificação de alguns antigos gêneros pertencentes à família das melastomáceas*²², que é uma obra de 1845 toda em latim, como era costume ainda na época em textos científicos; trata-se de um acréscimo referente à obra de Saint-Hilaire.

A segunda é, na verdade, uma obra em francês de um brasileiro, Ladislau Netto²³. E aqui encontramos o primeiro vínculo com o imperador, já que Ladislau Netto era um cientista brasileiro conhecido de D. Pedro II. Essa obra foi publicada na França em 1865, e nela Naudin é responsável pela escrita de uma nota, o que, sem dúvida, conferia credibilidade à obra do brasileiro. O título é bastante curioso: *Observação sobre a destruição de plantas indígenas do Brasil e sobre o meio de preservá-las*²⁴. Trata-se de um livro curto (16 páginas) em que Naudin, entre outras coisas, louva a ideia de Netto de preservação e faz alusão ao governo brasileiro na pessoa de Sua Majestade o Imperador²⁵. Naudin, então, sugere a criação de um jardim para o cultivo de plantas indígenas de uso medicinal e alimentício com propósitos científicos e acrescenta que isso “seria um pensamento digno de um governo esclarecido e previdente²⁶”, revelando aí uma opinião corrente em sua época, a de que D. Pedro II era um monarca esclarecido.

Considerando-se que Naudin era, portanto, um homem de ciência de relativa expressão em sua época, que havia uma relação, mesmo que indireta, entre o botânico e o Brasil, e também que ele era diretor da Villa Thuret em Antibes no sul da França, logo suspeitamos que o imperador o conhecesse indireta ou pessoalmente por ocasião de suas viagens nesta região. Isso porque é sabido que o imperador prezava o constante contato com artistas e intelectuais de várias áreas do conhecimento,

²² NAUDIN, C. *Additions à la flore du Brésil méridional, description de genres nouveaux, et rectification de quelques anciens genres appartenant à la famille des "mélastomacées"*. Disponível em : <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k9759498s.texteImage>. Acesso em 14 dez. 2018.

²³ Ladislau de Souza Mello Netto (1838-1894), botânico de formação, foi diretor do Museu Nacional de 1876 até a queda da monarquia. Era amigo de D. Pedro II e realizou pesquisas também no campo da Antropologia.

²⁴ NETTO, L.; NAUDIN, C. *Remarque sur la destruction des plantes indigènes du Brésil et sur le moyen de les en préserver*. Paris: A. Parent, Imprimeur de la Faculté de Médecine, 1865, p. 13. Disponível em : http://www.europeana.eu/portal/pt/record/08711/item_23209.html Acesso em: 15 set. 2017.

²⁵ Ibidem. “Votre idée de faire créer un lieu de refuge pour les végétaux menacés de disparaître est excellente et ne peut manquer d’intéresser le gouvernement de Sa Majesté Brésilienne [...]”.

²⁶ Ibidem. “Ce serait une pensée digne d’un gouvernement éclairé et prévoyant”.

sobretudo por ocasião de suas viagens ao exterior, e empenhava-se em estender continuamente sua rede de conhecimentos e relações nesse sentido²⁷.

E, de fato, encontramos uma primeira referência à relação entre Naudin e o imperador em uma lista de material arquivado na Biblioteca Nacional (on-line), onde há menção a uma carta em francês de Naudin para o imperador de 1879, cujo assunto era botânica²⁸.

Em seguida, partimos para a riquíssima fonte de informações sobre D. Pedro II: o diário do Imperador²⁹. Uma busca neste material trouxe muitas revelações sobre a relação entre Naudin e o imperador. Foram encontradas nada menos do que 33 ocorrências referentes ao nome de Naudin neste documento. A leitura dos excertos concernentes a essas ocorrências no diário foi reveladora ao mostrar que, de fato, Charles Naudin e o imperador encontraram-se pessoalmente em várias ocasiões no sul da França. Trata-se de alusões, em sua maioria, a visitas que D. Pedro II fazia a Naudin na Villa Thuret ou a encontros entre os dois em outros locais. O nome Naudin aparece, como já especificado, em 33 ocorrências que estão distribuídas em 18 dias, já que se trata de um diário. A primeira alusão ocorreu em 5/11/1887, por ocasião da terceira viagem do imperador³⁰, quando se encontrava no sul da França e contava com 62 anos, enquanto Naudin tinha 72 anos. Pela leitura do diário, depreende-se que o imperador estava hospedado em um hotel em Cannes com a imperatriz e que, de lá, fazia viagens para cidades e vilarejos nos arredores. Assim, no dia 5/11/1887, relata aquela que parece ser sua primeira visita à Villa Thuret, sob a direção de Naudin, mas, como ele próprio escreve, já conhecia Naudin do Instituto (Academia de Ciências, da qual o imperador era membro de honra) e não faz menção à relação epistolar entre eles (a de 1879). Segundo o diário, o imperador volta várias vezes à Villa Thuret para visitar o jardim e apreciar a bela vista da casa, e considera-se um amigo de Naudin e de sua família. Descobrimos, sempre com base na leitura, que Naudin e o imperador falavam de botânica, de assuntos científicos, mas também de literatura, como demonstramos a seguir.

No dia 3/3/1888, o imperador volta à Villa Thuret e, neste dia, temos algo que nos interessa particularmente. O imperador escreve o seguinte: “Depois estive na Villa Thuret com o Naudin e a mulher trazendo de lá uma poesia impressa de que falarei depois, e fomos todos a pé por uma praia pitoresca [...]”³¹. Aqui temos o que parece ser uma primeira prova de que Naudin tratava de questões literárias com o imperador e que, de fato, oferecia a ele poesias impressas, possivelmente suas próprias poesias, apesar de, conforme já enunciado, não haver nenhuma alusão à sua obra literária na BnF, onde, aliás, lembramos, só encontramos obras suas sobre o tema científico. Como os anos são 1887 e

²⁷ Grande parte desses relatos de viagem pode ser lida nas páginas do *Diário do Imperador Dom Pedro II* (Cf. ALCÂNTARA, P. *Diário do Imperador D. Pedro II, 1840-1890*. Organização de Begonha Bediaga, Petrópolis: Museu Imperial, 1999).

²⁸ Trata-se de um documento do acervo da Biblioteca Nacional (ao qual, até 2018, ainda não tivemos acesso), catalogado da seguinte forma: maço CLXXXI, nº 8247, “1 de Maio 1879. – Naudin. – D. Pedro II. – Carta sobre assumpto botanico. – Em francez.”

²⁹ ALCÂNTARA, Op. cit.

³⁰ Ibidem. Terceira viagem do imperador: de 30 de junho de 1887 até 5 de agosto de 1888.

³¹ Ibidem, p. 637.

1888, anterior à data do próprio texto fonte (1889) – a fábula –, descartamos essa ocorrência como sendo a data relativa ao manuscrito em questão.

Depois dessa, a ocorrência seguinte (em ordem cronológica) do nome Naudin refere-se ao ano de 1890, mais precisamente ao dia 11 de março, quando o imperador já se encontrava exilado e viúvo. Aqui temos uma menção bastante reveladora para efeitos desta pesquisa: “2h 35’ Em vagão para Cannes e acabei a tradução da poesia do Naudin. Depois de logo continuá-la tomei minha ducha e fui a pé para a estação [...]”³². É muito provável que essa alusão se refira à tradução que D. Pedro II fez da fábula “Le loup philosophe”, considerando-se que o texto fonte foi escrito em março de 1889. Assim, uma das hipóteses de datação desta tradução é justamente o ano de 1890, já durante o exílio do imperador, conforme citado. Outra prova de que é bem possível que se trate da tradução que ora analisamos é que parte da caligrafia é bastante instável, o que se coaduna com o fato de ter sido executada, pelo menos em parte, no vagão de um trem, como o próprio imperador descreve.

Há, contudo, a partir desta data, mais alusões à poesia de Naudin, todas de 1890, e a traduções do imperador. Vejamos.

29 de abril de 1890: [...] Na volta estive na villa Thuret com o Naudin que prometeu mandar-me uma poesia quando a tiver acabado agradando-me o que li. [...]

7 de junho de 1890: [...] Fui despedir-me de Naudin. Vi a família menos a nora que está de cama de parto. Mostrou-me publicações e prometeu-me a poesia dele que acrescentou, depois de impressa. Ainda falarei desta visita. [...]

21 de junho de 1890 (sábado) [...] Vou à tradução dos versos de Naudin. [...] Estive algum à espera de trem conversando com A. Karr entre mim e Isabel. Vim traduzindo em vagão os versos de Naudin e às 5 estudarei com o Seibold. Continuo a versão da poesia. [...] 11 ½ Pois continuei a traduzir os versos de Naudin e agora é que vou deitar-me. [...]

23 de novembro de 1890: [...] 5h 20’ Chego de volta. Que belo céu de poente. Naudin pareceu-me melhor. Recebeu-me como sempre assim como a mulher e o filho. Conversamos a lápis sobre botânica. Deu-me uma publicação de Ville e versos dele Naudin que hei de mandar-lhos traduzidos. [...]³³

Qualquer uma dessas datas do ano de 1890 pode ter sido a data da tradução cujo manuscrito estamos investigando. Parece, portanto, prudente fixar ao menos o ano da tradução, já que não o dia: 1890. Vemos que o próprio imperador relata locais e horários do dia em que praticava a tradução que, sobretudo durante o exílio, era uma atividade constante em sua vida. É curioso perceber, conforme relatado no diário, que, nessa ocasião, o imperador possivelmente mantivesse o folheto impresso com o texto fonte no bolso da casaca e, ao viajar de Cannes a Antibes para ter com Naudin (o que ele fazia com frequência, segundo seu próprio relato) ou para outra localidade por perto, aproveitava a viagem

³² Ibidem, p. 735.

³³ Ibidem, p. 771, 786, 796, 876.

de trem para traduzir o texto do amigo. Isso parece-nos ter acontecido com o manuscrito em análise aqui, pois justificaria o desenho por vezes trêmulo de certas passagens do manuscrito da tradução.

De maneira geral, pelo que se lê ao longo do diário, o imperador costumava oferecer suas traduções, em geral, para familiares, conhecidos ou amigos como mais uma forma de manifestar sua sociabilidade, o que reforça a ideia sustentada pelos pesquisadores do NUPROC de que este era um objetivo para a prática da tradução por parte do imperador, isto é, estabelecer contatos e interações sociais e compartilhar certas ideias e mesmo o gosto estético da intelectualidade de sua época. No caso da tradução de textos de Naudin, temos uma prova de que o imperador tinha, pelo menos, a intenção de enviar suas traduções ao próprio autor, conforme revelado no diário.

Vemos que o imperador e Naudin tinham interesses comuns. Como ambos eram membros da Academia Francesa de Ciências, é compreensível que se interessassem por assuntos da esfera naturalista. Mas vemos igualmente que ambos, como típicos intelectuais do século XIX, possuíam um amplo espectro de temas e assuntos de interesse, incluindo aí a literatura e também a tradução.

Alargando um pouco mais nossa visão, vemos que, embora haja normalmente uma circulação limitada das traduções de D. Pedro II, o imperador parece, mesmo assim, ter consciência da importância e da influência dessa sua prática de traduzir sobre a cultura brasileira, prática que se apresenta sempre relacionada a sua complexa rede de contatos e interlocuções. Vemos, então, que, apesar de suas traduções não terem nem expressão nem alcance editorial de fôlego, D. Pedro II parecia ter consciência de sua imagem de intelectual ligado à cultura, aos livros e aos estudos (sobretudo no exterior) e pretendia também assumir, por meio da tradução e da rede de interlocuções que tecia através dela, um papel de mediador cultural, acreditando em seu poder de influenciar o desenvolvimento e a valorização de uma literatura nascente no Brasil. Acreditamos que esse seria um aspecto político relevante ligado à atividade tradutória do imperador, a qual tem como intenção promover um tipo de repercussão na cultura brasileira, mesmo que de forma indireta.

Outro aspecto importante que nos chamou a atenção é uma afirmação feita por D. Pedro II encontrada em seu diário (23/11/1890), em que se lê: “Conversamos a lápis sobre botânica”³⁴. Conforme vimos no levantamento biográfico de Naudin, ele era surdo, embora não saibamos em que grau. É bem provável que, por essa razão, o imperador privilegiasse a modalidade escrita para entrar em contato com ele, ou seja, os dois intelectuais usavam a escrita para a comunicação, trocavam textos, livros, folhetos e quiçá conversavam face a face por escrito também. Assim sendo, a tradução em geral, bem como esta tradução da fábula feita pelo imperador, constitui, em nosso entender, uma modalidade mais propícia – já que escrita – de comunicação com Naudin devido a sua surdez. A tradução escrita seria, neste caso, mais do que legítima, pois o imperador, além de trocar impressões, ideias sobre assuntos do campo literário e linguístico, também podia valorizar o amigo que ademais tinha limitações para comunicar-se oralmente. Vemos que, aqui, a tradução na modalidade escrita legitima-se ainda mais como forma de comunicação, contato e sociabilidade do imperador.

³⁴ Ibidem, p. 876.

Vale acrescentar que a relação entre Dom Pedro II e Naudin é exemplar de tantas outras mantidas pelo imperador e se inscreve em um complexo e assimétrico quadro cultural: um monarca esclarecido latino-americano bastante conhecido na Europa que, por sua erudição, traduz de uma cultura central, a francesa, para uma cultura periférica, a brasileira. Deve-se considerar aqui a complexidade da situação, pois o imperador traduz e dá visibilidade a uma fábula de um renomado botânico francês, cuja obra literária, no entanto, não parece ter tido expressão nem no sistema literário francês, a ponto de sequer constar do acervo da BnF. Por esse jogo intrincado, o imperador, com sua notoriedade, homenagem e dá distinção ao biólogo quando se debruça sobre a fábula e, por isso, acaba validando sua modesta e aparentemente invisível obra literária.

Conclusões

Com esta análise preliminar do manuscrito de tradução de D. Pedro II da fábula de Charles Naudin “Le loup philosophe”, nossa intenção foi fazer uma apresentação inaugural do manuscrito, do texto fonte, bem como da situação histórica que envolve esse manuscrito e a tradução. Assim, a partir do documento de processo oferecido por esse manuscrito, pretendemos aclarar alguns aspectos, considerando-os em sua complexidade, ou seja, inseridos em seu contexto sócio-histórico-cultural e levando em conta o enredado jogo de relações envolvendo o imperador, seu meio, suas relações e sua atividade tradutória.

Este trabalho coaduna-se com outras pesquisas já realizadas sobre as traduções de D. Pedro II³⁵ no que se refere ao fato de que o imperador, em inúmeras ocasiões, utiliza-se da tradução como forma de estabelecer aproximação ou estreitar laços com os autores dos textos fontes para homenagear autores, personagens ou pessoas de seu círculo de conhecimento, que era, aliás, muito amplo.

Supomos que a predileção de D. Pedro II pela tradução advinha, entre outros motivos, do fato de que, através dessa atividade, o imperador podia mobilizar, exibir e também compartilhar sua grande erudição, seu interesse incontestado e seu grande conhecimento no que tange às questões que envolviam a linguagem, tais como a prática da tradução e da mediação em si, o estudo e o domínio de várias línguas modernas e antigas e de suas literaturas e culturas, bem como às ideias veiculadas nos textos (filosóficas, políticas, científicas, educativas, entre outras). Parece-nos importante frisar o fato de que Dom Pedro II, enquanto típico letrado do século XIX, conhecia muito bem os mecanismos de intercâmbio entre o centro letrado, a Europa, e especificamente Paris e a França, e o outro lado do Atlântico. Ele também parecia saber o quão indispensável era o reconhecimento do valor literário de sua obra e do Brasil, que ele representava, para a constituição da literatura e da identidade brasileiras³⁶.

³⁵ SOARES, *op. cit.*, 2015; SOARES, *op. cit.*, 2017; ROMANELLI, SOARES, *op. cit.*

³⁶ Ver ROMANELLI, Sergio; STALLAERT, Christiane. Entrada do Brasil na República mundial das letras. Mediações transatlânticas e diplomacia cultural de Dom Pedro II na elaboração de uma identidade letrada nacional. *Transatlantic Mediations in the Development of a Brazilian Literate Identity During the Second Empire. Nuevo Mundo-Mundos Nuevos*, 2015, p. 167, 2015.

Vale ressaltar ainda que o fato de um imperador dedicar-se à prática da tradução valoriza e enaltece a própria atividade de tradução, comumente invisível. Nesse caso específico, trata-se de uma atividade de muita visibilidade, já que essas traduções manuscritas circulavam amplamente entre a elite letrada da época, como testemunham cartas e relatos do diário do imperador. Ainda que as traduções não fossem de fácil acesso, era bastante conhecida e notória a intensa atividade de tradução do imperador. Por sua prática tradutória e por envolver interlocutores de prestígio, o imperador alça a tradução a um patamar elevado, afastando-a do status de atividade secundária e marginal, normalmente atrelada, também no século XIX, à imagem de um funcionário pago, anônimo e desconhecido que traduz para ganhar a vida³⁷, submetido, ademais, à invisibilidade diante da primazia do texto original. Assim, na contramão da crença desde muito arraigada de que a tradução ocupa uma posição secundária em relação à obra dita original, D. Pedro II eleva a tradução a uma atividade distinta, já que praticada por um monarca esclarecido, um imperador reconhecido como um intelectual poliglota, um ser de prestígio em seu século.

E, por último, mas não menos importante, com este trabalho esperamos poder contribuir para a elucidação histórica da complexa rede de intelectuais que o imperador fazia questão de cultivar em suas relações e, conseqüentemente, do impacto disso na vida política, cultural, intelectual do imperador e do próprio Brasil.

Referências bibliográficas

- ALCANTARA, Pedro de. *Diário do Imperador D. Pedro II, 1840-1890*. Organização de Begonha Bediaga, Petrópolis: Museu Imperial, 1999.
- BELLEMIN-NOEL, Jean. Reproduzir o manuscrito, apresentar os rascunhos, estabelecer um prototexto. In: *Manuscrita*. São Paulo, n°4, p.127-161, 1993. Disponível em: <http://www.revistas.fflch.usp.br/manuscrita/article/view/855/772>. Acesso em 13 dez. 2018.
- BIASI, Pierre-Marc de. A crítica genética. In: BERGEZ, Daniel et al. *Métodos críticos para a análise literária*. São Paulo: Martins Fontes, 1997, p. 1-44.
- _____. *A genética dos textos*. Tradução de Marie-Hélène Paret Passos. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2010.
- CHARLES Naudin. In: Wikipédia, l'encyclopédie libre. Disponível em: https://fr.wikipedia.org/wiki/Charles_Naudin. Acesso em: 29 set 2017.
- _____. In: Larousse. Disponível em: <http://www.larousse.fr/encyclopedie/personnage/Naudin/134791>. Acesso em: 29 set. 2017.
- CHEVREL, Yves; D'HULST, Lieven; LOMBEZ, Christine (Org.) *Histoire des traductions en langue française. XIXe siècle, 1815-1914*. Paris: Verdier, 2012.

³⁷ CHEVREL, Y.; D'HULST, L.; LOMBEZ, C. (Org.) *Histoire des traductions en langue française. XIXe siècle, 1815-1914*. Paris: Verdier, 2012.

EVEN-ZOHAR, Itamar. The position of translated literature within the literary polysystem. *Polysystem Studies. Poetics Today*, v.11, n.1, p. 45–51, 1990.

EVOLUCIONISMO. Mundo Educação. Disponível em: <http://mundoeducacao.bol.uol.com.br/historiageral/evolucionismo.htm>. Acesso em: 07 fev. 2018

FIXISMO. In: Infopedia. Disponível em: [https://www.infopedia.pt/\\$fixismo](https://www.infopedia.pt/$fixismo). Acesso em: 7 fev. 2018.

GENTZLER, Edwin. *Teorias contemporâneas da tradução*. Trad. Marcos Malvezzi. São Paulo: Madras, 2009.

GRESILLON, Almuth. *La mise en oeuvre: itinéraires génétiques*. Paris: CNRS Éditions, 2008.

HAY, Louis. *A literatura dos escritores: questões de crítica genética*. Trad. Cleonice Paes Barreto Mourão. Revisão Técnica Consuelo Fortes Santiago. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007.

INRA. Historique du Jardin Thuret. Disponível em: http://www6.sophia.inra.fr/jardin_thuret/Historique. Acesso em: 29 set. 2017.

LAMBERT, J.; GORP, H. von. On describing translations. In: HERMANS, T. (Ed). *The Manipulation of Literature*. Studies in Literary Translation. London & Sidney: Croom Helm, 1985, p. 42-53.

LEFEVERE, A. *Translation, Rewriting & the Manipulation of Literary Fame*. London: Routledge, 1992.

_____. *Tradução, reescrita e manipulação da fama literária*. Tradução Claudia Matos Seligmann. Bauru: EDUSC, 2007.

MAFRA, Adriano. *O processo criativo de d. Pedro II na tradução do Hitopadeça*. 2015. 449 f. Tese (Doutorado em Estudos da Tradução). Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução, Universidade Federal de Santa Catarina, Universiteit Antwerpen, Florianópolis, Antuérpia, 2015.

MARZA, V. D.; CERCHEZ, N. Charles Naudin, a Pioneer of Contemporary Biology. *Journal d'agriculture traditionnelle et de botanique appliquée*, v. 14, n. 10-11, p. 369-401, out-nov. 1967. Disponível em: http://www.persee.fr/doc/jatba_0021-7662_1967_num_14_10_2944. Acesso em: 15 set. 2017.

NAUDIN, C. *Additions à la flore du Brésil méridional, description de genres nouveaux, et rectification de quelques anciens genres appartenant à la famille des "mélastomacées"*. Disponível em: <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k9759498s.texteImage>. Acesso em 14 dez. 2018.

NETTO, Ladislau; NAUDIN, Charles. *Remarque sur la destruction des plantes indigènes du Brésil et sur le moyen de les en préserver*. Paris: A. Parent, Imprimeur de la Faculté de Médecine, 1865. Disponível em: http://www.europeana.eu/portal/pt/record/08711/item_23209.html. Acesso em 15 set. 2017.

ROMANELLI, Sergio. Entre línguas e culturas: as traduções de D. Pedro II. In *Mutatis Mutandis*, Vol. 4, nº 2. pp. 191-204, 2011. Disponível em:

<http://aprendeenlinea.udea.edu.co/revistas/index.php/mutatismutandis/article/viewFile/9989/9872>.

Acesso em: 15 set. 2017.

ROMANELLI, Sergio, STALLAERT, Christiane. Entrada do Brasil na República mundial das letras. Mediações transatlânticas e diplomacia cultural de Dom Pedro II na elaboração de uma identidade letrada nacional. *Transatlantic Mediations in the Development of a Brazilian Literate Identity During the Second Empire. Nuevo Mundo-Mundos Nuevos*, 2015, p. 167, 2015.

ROMANELLI, Sergio; SOARES, Noêmia Guimarães. Manuscritos, tradução e gênese: um resgate histórico do homem de letras Pedro de Alcântara. In: *IX Colóquio Internacional Tradição e Modernidade no mundo*

iberoamericano, 2012, Rio de Janeiro. Atas IX Colóquio Internacional Tradição e Modernidade no mundo iberoamericano. Rio de Janeiro: FAPERJ, 2012. v. 01. p. 110-115.

ROSSETTI, Victor. Filósofos e naturalistas pré-Darwin. Disponível em: <<https://netnature.wordpress.com/2017/03/20/filosofos-e-naturalistas-pre-darwin/>>. Acesso em: 15 set. 2017.

SOARES, Noêmia Guimarães; SOUZA, Rosane de; ROMANELLI, Sergio (orgs.) *Dom Pedro II: um tradutor imperial*. Tubarão: Copiart; Florianópolis: PGET/UFSC, 2013.

SOARES, Noêmia Guimarães. Pedro de Alcântara traduzindo Victor Hugo: análise do processo tradutório do poema “Le papillon et la fleur”. In: ROMAELLI, Sergio (org.) *Compêndio de Crítica Genética América Latina*. Vinhedo: Editora Horizonte, 2015, p. 227-237.

SOARES, Noêmia Guimarães. “Dom Pedro II: investigando interesses e contatos do imperador através da análise de seus manuscritos de tradução”. In: SALLES, Cecília Almeida; ANASTÁCIO, Silva Maria Guerra (orgs) *A diversidade dos estudos de processo no século XXI*. Salvador: EDUFBA, 2017, p. 125-146.

TOURY, Gideon. *Descriptive Translation Studies and Beyond*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1995.

_____. *In search of a Theory of Translation*. Tel Aviv University: The Porter Institute for Poetics and Semiotic, 1980.

VAE Victis. In: Dicionário Priberam da Língua Portuguesa. Disponível em <https://www.priberam.pt/dlpo/Vae%20victis> . Acesso em: 15 set. 2017.

Recebido em: 28 de fevereiro de 2018

Aceito em: 14 de novembro de 2018